

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS

Eles e Elas: comparação Intersexual na categorização
social e formação das primeiras impressões
em seres humanos.

Tiago José Benedito Eugênio

Natal
2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E TRATAMENTO
DA INFORMAÇÃO.

DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: SELMA MARIA DE JESUS

Eugênio, Tiago José Benedito.

Eles e Elas: comparação intersexual na categorização social e formação das primeiras impressões em seres humanos / Tiago José Benedito Eugênio. – Botucatu : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão (bacharelado – Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Botucatu, 2008

Orientador: Alfredo Pereira Junior

Co-orientador: Maria Emilia Yamamoto

1. Antropologia 2. Evolução 3. Fisiologia humana

Palavras-chave: Classificação (processos cognitivos); Diferenças sexuais (humanos); Primeiras impressões; Psicologia evolucionista; Raça (antropologia)

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**Eles e Elas: comparação Intersexual na categorização
social e formação das primeiras impressões
em seres humanos.**

Tiago José Benedito Eugênio

Monografia apresentada ao Instituto de
Biociências da UNESP, campus de Botucatu,
como exigência para obtenção do título de
Bacharelado em Ciências Biológicas, sob a
orientação do prof. Dr. Alfredo Pereira Júnior e
co-orientação de Maria Emília Yamamoto.

**Natal
2008**

Aos meus pais Rosária Lopes de Souza Eugênio e Benedito Eugênio, com amor e gratidão por tudo que me têm oferecido.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que fizeram parte da minha vida até este momento e que contribuíram, de alguma forma, para a elaboração deste trabalho. No entanto, tenho que confessar que este ano minha “companhia” mais próxima não foi uma “pessoa”, mas um computador que se transformou na minha maior ferramenta de interação com o mundo, além da janela do meu quarto. Por isso sou grato ao meu laptop, onde eu fiz toda a revisão bibliográfica, montagem do design experimental, elaboração do material e uso para a coleta de dados, testes estatísticos e redação do presente trabalho. Contudo, eu não teria forças para isso caso não houvesse um suporte humano por trás. Eu sou grato a minha família, especialmente meus pais, fontes de força, coragem e apoio incondicional.

Sou grato ao professor Alfredo Pereira Júnior que foi meu orientador nesse projeto assim como a professora Maria Emília Yamamoto, minha orientadora na pós graduação. Ambos profissionais competentes e meus bons exemplos de seres que se dedicam à produção de conhecimento.

À minha querida amiga Marcela de Freitas Rodrigues, que este ano participou da minha vida de um jeito que nunca esperei; me fez acreditar em coisas “doces” e preciosas, e me proporcionou momentos de grande aprendizado; conversas longas e demoradas, das quais eu jamais vou esquecer.

À minha querida grande família de Botucatu, irmãos e amigos que jamais vou esquecer. Mesmo de longe, são pessoas que diariamente eu recordo, lembro dos momentos felizes, do aprendizado e sinto saudade disso tudo.

Aos meus consultores estatísticos, Wall Hatori e Felipe Nalon de Castro. O primeiro, além de ser meu consultor, foi meu grande anfitrião em Natal, foi e é um grande parceiro de MSN, um rapaz de fama mundial que cativa todos ao seu redor com a sua simplicidade, generosidade, simpatia e, sobretudo pelo seu sorriso contagiante. Ao último, devo minha gratidão também as conversas produtivas, a coerência e sensatez no seu discurso, no desapego à vaidade e cultivo de muita paciência, simpatia e humildade.

À Cristiane Engelmann, minha querida amiga de olhar “doce” com a qual eu tenho dividido minhas contas e o meu espaço. Agradeço pelas inúmeras conversas, inclusive aquelas no MSN, pela troca de experiência, pelos momentos descontraídos e de grande aprendizado.

Ao Professor Arrilton, o qual gentilmente me abriu espaço para fazer a minha coleta de dados com os alunos de Biologia, Ecologia e Educação Física. Sem essa permissão, esse

trabalho ficaria seriamente comprometido. Aproveito para agradecer também aos sujeitos experimentais que participarão do meu experimento.

À Anne Karine, uma auxiliar nota 10. Sempre pronta para ajudar, muito atenciosa e querida. Sou muito grato pelo auxílio na formatação dos questionários, impressão e assistência na coleta de dados.

Ao Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista pelo auxílio financeiro na confecção dos vídeos necessários para a coleta de dados.

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi compreender, sob uma perspectiva evolucionista, os mecanismos, preferências e as diferenças sexuais subjacentes a uma análise as primeiras impressões em seres humanos. Investigamos: (1) ocorrências de diferenças sexuais na categorização social e na formação das primeiras impressões; (2) a influência do sexo e da cor de pele e (3) ocorrência de preconceitos (com relação ao sexo e/ou a cor de pele do sujeito estímulo) e suas influências na formação das primeiras impressões. Para isso, tratamos de expor uma amostra de 43 indivíduos (17 a 34 anos) à oito vídeos (4 perfis: homens negros e brancos, mulheres brancas e negras) com duração de 20'' cada. Durante o procedimento experimental foi requerido que o participante respondesse a um questionário (escala likert; 0-6). Nesse, o participante avaliava a atratividade física, a competência, sucesso na carreira, agressividade, confiabilidade, atribuía uma nota para a cor da pele, e qualidade geral. Foi feito um teste GLM com medidas repetidas e *post hoc* teste t *student* pareado, a fim fazer uma análise mais detalhada das diferenças encontradas nas avaliações. Nossos resultados apontam que a característica que afeta mais a avaliação tanto de homens como das mulheres é a atratividade física, o que foi possível concluir que as outras características em análise é menos dependente da primeira impressão e construída ao longo do convívio. As mulheres tendem a fazer uma avaliação mais minuciosa, o que corrobora outros estudos sobre diferenças sexuais. Devido ao pequeno N, não possível analisarmos a influência da cor da pele do sujeito estímulo na avaliação, evidenciando a necessidade de ampliação futura desse projeto. A análise post hoc nos mostrou um ligeiro preconceito contra as mulheres negras, o que também corrobora outras pesquisas de abrangência tanto nacional (IBGE) como mundial (ONU).

Palavras-chave: Primeiras impressões, Psicologia Evolucionista, Diferenças sexuais (humanos), Classificação (processos cognitivos), Raça (antropologia).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado do teste t student pareado para NCOR.....	26
Tabela 2 - Resultado do teste de GLM Medidas Repetidas com perfis como fator dentre sujeitos e sexo como fator entre sujeitos.....	27
Tabela 3- - Médias e desvios padrões para AF (Atratividade Física).....	28
Tabela 4 - Resultados do teste t student pareado para AF.....	28
Tabela 5 - Médias e desvios padrões para SUC (Sucesso na Carreira).....	28
Tabela 6 - Resultados do teste t student pareado para SUC.....	29
Tabela 7 - Médias e desvios padrões para CONF (Confiabilidade).....	29
Tabela 8 - Resultados do teste t student pareado para CONF.....	29
Tabela 9 - Médias e desvios padrões para QUALI (Qualidade Geral).....	29
Tabela 10 - Resultados do teste t student pareado para QUALI.....	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens das pessoas exibidas nos videoclips. Da esquerda para a direita: MB1, MB2, HB1 e HB2; MN1, MN2, HN1 e HN2.....	23
Figura 2 –Médias para as avaliações dos perfis em estudo feitas pelos participantes de ambos os sexos. NCOR é a nota atribuída pelos respondentes à cor da pele do sujeito estímulo numa escala de 0(muito branca) a 6 (muito escura).....	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.2. Primeiras impressões e formação das categorias sociais.....	13
1.3. Discriminação Racial.....	15
1.4. Problemas sociais enfrentados no ambiente ancestral.....	16
1.5. Evidências experimentais.....	18
1.6. Eles e Elas.....	18
1.7. Problema de investigação.....	20
2. OBJETIVO.....	21
2.1. Geral.....	21
2.2. Específicos.....	21
2.3. Hipóteses e predições.....	22
3. MATERIAIS E MÉTODO.....	23
3.1. Material.....	23
3.2. Participantes.....	24
3.3. Procedimentos.....	24
4. RESULTADOS.....	25
4.1. Comparação Intersexual.....	27
4.2. Comparação entre os sexos respondentes.....	28
5. DISCUSSÃO.....	31
5.1. O Acesso as informação para formação das primeiras impressões.....	31
5.2. Diferenças intersexuais nas avaliações dos perfis.....	31
5.3. Influência da cor da pele na formação das primeiras impressões.....	33
5.4. Discriminação e preconceito racial.....	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
8. ANEXOS.....	41
8.1. Anexo 01.....	42
8.2. Anexo 02.....	43

1. INTRODUÇÃO

A espécie humana é marcada, dentre outras coisas, pela intensa capacidade de aprendizagem (PINKER, 1998). No que tange ao uso dessa competência especula-se que os gregos foram os primeiros a fazerem indagações formais sobre suas origens, sobre o porquê de sua existência. Dessas perguntas nasceu a Filosofia - como um instrumento lógico capaz de aventar possíveis respostas para todas as interrogações incipientes. Arelado a esta instância do saber, a razão paulatinamente se tornou efetiva, na medida em que a lógica não era suficiente para explicar as causas, bem como o caráter dos fenômenos naturais; era necessário, sobretudo, um método que demonstrasse de maneira coerente como uma pergunta era respondida. A circunscrição do pensamento lógico e racional levou, por assim dizer, a brilhantes conseqüências que, doravante, mudara indiscutivelmente o futuro de toda a biosfera. Como implicação imediata pode-se citar as descobertas de Galileu, Kepler, Copérnico, entre outros; que culminou na Revolução Científica do século XVII marcada pela visão mecanicista, sobretudo matemática e física do mundo. Foi sobre essa óptica, que o mundo se viu inebriado por princípios e leis, as quais, em tese, proporcionaria ao homem o conhecimento por completo do mundo físico exterior. No entanto, mesmo com seu inquestionável sucesso desmedido, a física não se mostrou competente em responder muitas perguntas, principalmente àquelas formuladas pelos gregos – sobre a origem, bem como o porquê da existência da espécie humana.

São diversos os corpos teóricos que se lançam na difícil missão de desvendar os mistérios e os segredos embutidos na essência de todo ser humano. As mais tradicionais e remotas privilegiam o meio social como um parâmetro determinante para o comportamento do indivíduo. Defendem que o ser humano é um ser psicossocial, resultado basicamente da assimilação de regras sociais e culturalmente mediadas. Sob essa óptica o ser humano é vislumbrado como desprovido de qualquer natureza. Para Leslie White (1949)¹ “Boa parte do que comumente se denomina “natureza humana” é meramente cultura lançada contra uma malha de nervos, glândulas, órgãos dos sentidos, músculos, etc.” Em consonância com White, José

¹ Citado em Pinker (2004)

Ortega y Gasset (1935)² infere que “o homem não tem natureza; o que ele tem é história”. Essa instância teórica compreende, portanto, o ser humano como espécie simplesmente pela sua capacidade para a prática cultural e sendo definido por esta; distanciando e diferenciando-o dos outros animais.

Em paralelo a esta concepção de ser humano e visão de mundo, outro corpo teórico conjectura que a espécie humana é nada mais, na menos do que um produto evolutivo, desdobramento da sobrevivência e de reprodução de outros mamíferos não-humanos, resguardando em sua essência atributos primitivos – imprescindíveis para a resolução dos problemas enfrentados por seus ancestrais. Dessa forma, a espécie humana é vislumbrada como um ser biopsicossocial, que pode ser abordada e estudada pela mesma perspectiva teórica aplicada aos demais animais. (GEARY, 1998; TOOBY & COSMIDES, 1992).

Este trabalho adota a perspectiva da Psicologia Evolucionista, resultado da síntese entre a Psicologia Cognitiva e a da Biologia Evolutiva, a qual engloba conhecimentos da Antropologia, das Ciências Cognitivas e das Neurociências (BUSS, 1999; TOOBY & COSMIDES, 2002). Este novo paradigma parte do pressuposto de que o ser humano evoluiu através dos princípios de seleção natural e sexual propostos por Charles Darwin (1859; 1871), logo se conclui que a mente humana é, por conseguinte, igualmente um produto evolutivo e o sítio onde a cultura é gerada de maneira rica e intrincada. (BUSS, 1999; COSMIDES & TOOBY, 2000; COSMIDES et al., 1992; TOOBY & COSMIDES, 1992). A Psicologia Evolucionista, alicerçada sobre as contribuições teóricas de Darwin, Mendel, Hamilton, Trivers, entre outros; possibilita a construção de um modelo apurado e robusto de investigação sobre as origens, bem como a história de vida do homem, uma vez que o pensamento biológico permitiu a psicologia se assentar sobre uma nova base - como bem predisse Darwin no final da sua célebre obra *Origens das Espécies* (1859) - à luz da evolução; e que, sob a minha óptica, se denota atualmente como a maneira mais elegante de tornar, ente outras coisas, o cerne da filosofia do grande pensador grego Sócrates – “conhece-te a ti mesmo” – em realidade científica.

² Citado em Pinker (2004)

A Psicologia Evolucionista procura compreender e entender porque a mente foi moldada do modo como é; como a mente humana foi modelada; quais são seus mecanismos e as partes; Qual é a sua organização; quais as funções dessas partes; e finalmente, como os estímulos ambientais (*input*) interagem com a mente (*hardware*) para produzir o comportamento observável (*outputs*) (BUSS, 1999). Nesse sentido, a perspectiva evolucionista amplia o estudo do comportamento humano para além da análise física, de suas causas proximais – mecanismos fisiológicos evoluídos; passa a considerar e investigar os mecanismos psicológicos evoluídos. Para tanto, se debruça sobre o seu surgimento na história da vida, adotando o método comparativo com outras espécies, entre indivíduos e os sexos da mesma espécie (BUSS, 1999); além de procurar compreender sua função ou o valor para a sobrevivência e reprodução do indivíduo.

Não obstante, as condições ambientais, que selecionaram características por meio das pressões seletivas exercidas sobre nossos ancestrais, são muito diferentes das condições nas quais estamos imbuídos. Bowlby *apud* IZAR (no prelo) denominou de Ambiente de Adaptação Evolutiva (AAE) à composição estatística das propriedades adaptativas relevantes dos ambientes encontrados por membros das populações ancestrais. Nesse ambiente, os seres humanos estariam organizados em pequenos grupos e viviam a base da subsistência, caçando e coletando alimento.

Segundo Hutchinson (1970) todos os organismos transformam a biosfera. Mas é indiscutível que o *Homo sapiens* seja a espécie mais eficiente no que tange às mudanças rápidas no ambiente. Takács-Santa (2004) elenca e considera o uso do fogo, linguagem, agricultura, implantação do estado, conquistas européias, revoluções científicas e tecnológicas e a dominância dos combustíveis fósseis como fontes primárias de energias, como as maiores transformações globais da história da espécie humana – responsáveis pelo crescimento populacional e da modificação do núcleo tecnológico das sociedades. É válido lembrar que essas rápidas mudanças não são acompanhadas por modificações nos mecanismos anatômicos e mentais evoluídos para lidar com problemas referentes a esse novo ambiente, pois a seleção natural pode levar milhões de anos para produzir alterações relativamente simples nos organismos (DAWKINS, 1986). Nesse sentido, podemos considerar o ser humano como um animal arcaico, dentro de um contexto que ele mesmo criou, buscando soluções

para problemas que antes não existiam. Entre outras palavras, somos animais pré-históricos vivendo em um ambiente moderno (BUSS, 1999).

1.2. Primeiras impressões e a formação de categorias sociais.

A formação das primeiras impressões é um processo balizado pela codificação das informações ambientais e pela categorização social (STANGOR et al., 1992). Para que impressões sejam formadas a respeito de outros, é necessário que uma pessoa perceba e organize as informações coletadas. Segundo Gahagan (1976) e Pinker (1998) a mente humana apresenta uma tendência em organizar as informações adquiridas do meio em determinadas categorias, que permite correlacionar traços físicos, como a cor da pele, com padrões de cooperação e competição, abrindo espaço para a criação de estereótipos étnicos.

O processo de categorização é usado pelo ser humano com o intuito de sistematizar o seu ambiente. Nesse sentido, esse processo implica em segmentar o meio social atribuindo pessoas em categorias relativamente distintas, permitindo, assim, a simplificação e o ordenamento do mundo social. A categorização social segue uma hierarquia de níveis de codificação de informação, iniciando por categorias que são mais relevantes e explícitas socialmente (STANGOR et al., 1992). Isso se deve, provavelmente, a dois fatores: (1) o número de categorias sócias que são, ao mesmo tempo, salientes e altamente informativas é provavelmente bem limitado. Nesse sentido, as características que são menos informativas serão menos usadas, e (2) o número de categorias que são usadas na formação das primeiras impressões pode ser limitado pela capacidade cognitiva. É provável que um número limitado de informações possa ser processado automática e simultaneamente, não requerendo muito esforço cognitivo. Contudo, organizar as informações em subcategorias e estabelecer suas diversas combinações, como categorizar indivíduos em subtipos, necessita um esforço cognitivo mais elevado. Sendo assim, o número de categorias sociais que é processado simultaneamente depende da capacidade da memória do indivíduo, assim como sua habilidade em integrar essas categorias (STANGOR et al., 1992). Portanto, é mais fácil um sujeito se recordar que a pessoa que ele acabou de tomar conhecimento é uma mulher branca, do que outros detalhes, como nome,

naturalidade, ocupação, se usa óculos ou não. A eficiência na recordação de certas características percebidas é sinal que estas foram codificadas. Contudo, é muito mais informativo categorizar a mesma pessoa citada acima como mulher, branca, alta, com olhos castanhos, de vestido longo e vermelho, sapato fechado com salto alto; do que apenas mulher branca. Mas esse processo parece requerer maior empenho cognitivo e, provavelmente, também outras qualidades motivacionais e maior tempo de exposição ao estímulo.

Diversos trabalhos sobre categorização social apontam a existência de três categorias sociais básicas, codificadas de forma primária, inevitável, automática e obrigatória; sendo essas as dimensões sociais pelas quais os indivíduos se baseiam para organizar as informações advindas de outras pessoas. Essas três categorias são idade, sexo e raça (ACURI, 1982; STANGOR et al., 1992; TAYLOR et al., 1978; SANI et al., 2005; CONSENTINO, 2007). Dessa forma, é plausível inferir que tamanha rapidez típica do processamento cognitivo de tais categorias seja decorrente de um maquinário computacional voltado especificamente para esta finalidade, e que essas categorias sociais foram designadas como básicas pela quantidade de informação ambiental relevante contida nas mesmas. Dessa forma, é possível que o ser humano, durante sua história evolutiva, tenha enfrentado determinados problemas sociais recorrentes e relevantes, os quais selecionaram a capacidade cognitiva de codificar determinadas categorias sociais, relevantemente informativas, como parte da resolução para tais problemas.

1.3. Discriminação racial

A categorização social, por sua vez, implica em segmentar o ambiente social atribuindo pessoas em categorias relativamente distintas, permitindo, assim, a simplificação e o ordenamento do mundo social. É uma guia para a ação, no sentido que auxilia na estruturação do ambiente social de acordo com certos princípios cognitivos, como por exemplo, a classificação de acordo com os padrões de similaridades e diferenças entre os alvos da percepção – acentuando tanto diferenças percebidas entre objetos de categorias distintas, quanto às semelhanças, entre objetos pertencentes à mesma categoria -, a verificação de sua equivalência no ambiente

social e a construção de um conjunto de características gerais (SANI et al., 2005; TAJFAL, 1978). Ou seja, a categorização é um fenômeno presente tanto na avaliação das características físicas quanto dos comportamentos de outros, tais como disposições, traços de personalidade, atributos pessoais, etc. Categorizar os outros pela cor da sua pele, ou por traços herdados de seus ascendentes, é a precondição para discriminar e tratar as pessoas diferentemente por causa de “raça” ou etnia, criando uma linha divisória entre aqueles que pertencem a um grupo racial e aqueles que não pertencem. A mera separação em tais grupos é suficiente para produzir forte discriminação exogrupo e favoritismo endogrupo (TAJFEL, 1978).

Um dos grandes problemas enfrentados em tempos modernos são os conflitos raciais e étnicos. Esses confrontos são reações violentas com resultados devastadores fundamentados na distinção racial. Grandes atrocidades cometidas na história humana ocorreram quando os indivíduos categorizaram seu mundo social em “nós versus eles”, classificando as pessoas racialmente, como o caso dos *kulaks* na União soviética, os judeus na Alemanha, os negros no *Apartheid*, a China de Mao e o Camboja de Khmer.

Para Gould (1992), o racismo nunca encontrou bases verdadeiramente científicas para ser comprovado e/ou justificado. Nem o grande avanço da genética provou a existência de diferentes raças humanas. Para se ter uma idéia, encontra-se maior variação genética intragrupal (85-90%) do que entre os grupos (15-10%), nos mostrando que, geneticamente, indivíduos da mesma “raça” diferem tanto quanto indivíduos de “raças” diferentes (BAMSHAD & OLSON, 2003). Dessa forma, quando nos referimos à “raça” neste trabalho estamos tratando de um conjunto de características físicas aparentes, que inclui especialmente a cor da pele, unidas de forma arbitrária, que nada revelam sobre ancestralidade genética, determinadas capacidades e/ou habilidade e sobre a disposição a certos comportamentos. Quando o termo aparece com a primeira letra em maiúsculo (Raça), estamos nos referindo ao conjunto de características que compõem a dimensão codificada pelo processo de categorização social.

1.4. Problemas sociais enfrentados no ambiente ancestral

Para a Psicologia Evolucionista, nosso maquinário neurocognitivo foi moldado pela seleção natural, principalmente visando à resolução de problemas enfrentados cotidianamente pelos nossos ancestrais como caçar animais, coletar vegetais, fugir de predadores, interagir com amigos, lidar com agressores, encontrar, e selecionar parceiros reprodutivos e criar dos filhos (IZAR, no prelo).

Atualmente, por meio dos registros arqueológicos e de estudos nas modernas sociedades de caçador-coletores é possível conhecer alguns detalhes sobre como nossa espécie evoluiu no AAE. Johnson e Earle (2000) sugerem que as sociedades humanas evoluíram a partir de pequenos grupos com fortes laços de parentescos. Esses grupos teriam em torno de 25 indivíduos, os quais se dividiam em outros pequenos grupos, porém se alimentavam juntos, cooperavam e partilhavam alimento e outros itens. Possivelmente os laços sociais desses indivíduos eram mantidos com base na confiança, como produto da interação contínua entre os indivíduos. Outro aspecto das relações sociais, inclusive de animais não humanos que vivem em grupos, são as interações contínuas que fortalecem os vínculos entre os membros do grupo, garantindo que sejam reconhecidos ou que sejam beneficiados por funções que não conseguem realizar sozinhos ou que, sem a cooperação do outro, a eficiência seria bem menor. Nós, seres humanos, reconhecemos individualmente uns aos outros e possuímos uma noção clara de “eu”, “você”, “nós”, “eles”. Construimos os vínculos sociais desde que nascemos com os nossos cuidadores (geralmente mãe e pai biológicos) e, com o desenvolvimento e a maturidade, estende o rol dessas relações interpessoais, tornando-o cada vez mais complexas. A complexidade das estratégias requeridas pela socialização é tão grande que elas são diretamente relacionadas a adaptações como a encefalização, e conseqüentemente, a expansão do neocórtex e a evolução da inteligência e da mente.

No ambiente ancestral, episódios litigiosos deveriam existir apenas quando havia extrema escassez de recursos. A organização deveria ser igualitária, sem privilégios para alguns membros nem ocorrência de trapaceiros (*free riders*), visto que o tamanho reduzido do grupo proporcionava uma fiscalização mais rigorosa do comportamento de cada um. Entretanto, alguns grupos cresciam, tornando dessa forma vantajoso

reconhecer e punir supostos trapaceiros (BROOM, 2006). Nesse sentido, o tamanho de grupo parece ter um efeito significativo no monitoramento e na detecção de trapaceiros que, por sua vez, interfere no grau de cooperação do grupo (ALENCAR & YAMAMOTO, 2008).

O processo evolutivo ocasiona, além de adaptações para resolução de problemas ligados à sobrevivência e a reprodução, subprodutos, que são características que não solucionam algum problema adaptativo nem apresentam um design funcional, apenas forma herdada junto com características adaptativas; e ruído, que são efeitos aleatórios de mutações e efeitos ambientais adversos. Como exemplo, podemos citar a adaptação do cordão umbilical, que tem como subproduto o umbigo e a forma pessoal de cada umbigo como ruído (BUSS, 1999). No ambiente ancestral é estimado que os caçadores-coletores não percorriam distâncias maiores do que 60 km (COSMIDES et al, 1992). Nesse sentido, é improvável que encontrassem pessoas de populações fenotipicamente muito distintas o suficiente para qualificá-las como pertencentes a uma Raça diferente. Por consequência, podemos supor que não existia na mente humana qualquer parte específica para codificar Raça, visto que esse não era um problema enfrentado pelos nossos ancestrais. Desse modo, é provável que a codificação racial seja, de fato, um subproduto de programas que evoluíram com uma função alternativa para algo que era parte do modo de vida de nossos ancestrais, por exemplo, detectar coalizões e alianças (KURZBAN et al., 2001; COSMIDES et al., 1992). Grande parte das resoluções de problemáticas sociais do ambiente humano de adaptação evolutiva, possivelmente, girava em torno do manejo de complexas relações sociais, especialmente, de formações de coalizões multi-individuais (GEARY, 1998). Logo, a habilidade em inferir rapidamente a provável disposição de outro indivíduo, balizada pelos processos de categorização social, provavelmente premiou aqueles que a possuíam. Dessa forma, sexo, idade e coalizão (geralmente associada a um atributo físico, por exemplo, cor da pele) são categorias prováveis a dimensões verdadeiramente primárias da representação de uma pessoa, imprescindíveis para a formação das primeiras impressões.

1.5. Evidências experimentais

Taylor, Fiske, Etcoff e Ruderman (1978) desenvolveram o protocolo de confusão de memória, como medida de categorização pessoal, objetivando investigar quais dimensões os participantes estão categorizando dos indivíduos-alvo utilizando a análise dos erros de memória. Recentemente, esse protocolo foi aplicado no Brasil a fim medir a codificação de coalizão e Raça e seus efeitos na presença e ausência de pistas visuais de coalizão, além de confrontar o desempenho de uma amostra brasileira com uma amostra norte-americana e comparar os resultados de homens e mulheres. Neste experimento, mostrava-se fotografias de jogadores de dois times de basquete rivais em meio a uma discussão, contendo frases de conteúdo antagônicos e coalizacionais (fase 1). Ao final da discussão, após a realização de uma tarefa de distração, os participantes deveriam lembrar “quem disse o que” durante a fase 1 (fase 2). No primeiro experimento, todos os jogadores vestiam camisas de cores iguais; no segundo, cada time vestia uma cor de camiseta diferente. Como resultados preliminares desse trabalho foram encontrados que a codificação de coalizão aumenta e de Raça diminui quando pistas visuais de coalizão são fornecidas. Esses resultados são semelhantes aos obtidos na amostra norte-americana (ver KURZBAN, TOOBY e COSMIDES, 2001) e, de maneira geral, tanto homens como mulheres tiveram o mesmo desempenho; mas com sutil diferença na condição onde todos os jogadores vestiam camisas com cores iguais, onde as mulheres nesta situação apresentaram maior codificação de Raça (CONSENTINO, 2007).

1.6. Elas e Eles

Homens e mulheres evoluíram no mesmo ambiente ancestral e, como integrantes da mesma espécie, estiveram expostos às mesmas pressões seletivas que agiram sobre a espécie, o que garante a presença de grande parte das adaptações em ambos os sexos para resolução de problemas recorrentes (PINKER, 2004). Não obstante, nem por isso os dois sexos são iguais, haja vista que são notáveis as disparidades, tanto físicas quanto cognitivas e comportamentais (GEARY, 1998). Não é para menos que a Psicologia Evolucionista tem corroborado a idéia de que a mente humana é

sexualmente dimorfa. Para Geary (1998) a seleção sexual, idéia original proposta por Darwin, é a teoria mais consistente para explicar as diferenças existentes entre homens e mulheres, pois é um processo seletivo que age distintamente para indivíduos de sexos diferentes.

Para Trivers (1972) o empenho para o sucesso reprodutivo dos indivíduos está diretamente ligado à dinâmica estabelecida entre a alocação de recursos na busca por parceiros ou investido para o cuidado com a prole. Dessa forma, a natureza dos investimentos parentais proporcionados por machos e fêmeas cria a dinâmica básica da seleção sexual. Sendo assim, o esforço reprodutivo pode ser dividido em investimento no acasalamento, o qual envolve a aquisição de recursos para atrair um parceiro; e o investimento parental, que se refere à gestação e cuidado pós-natal dos descendentes (TRIVERS, 1972). Nesse sentido, o sexo que investe menos no cuidado parental tem um sucesso reprodutivo maior acasalando com o maior número de parceiros possíveis; enquanto o sexo que faz o investimento na prole obtém sucesso reprodutivo nesse comportamento do que pela procura por parceiros (GEARY, 1998). Logo, o sexo que investe mais se torna um recurso reprodutivo importante e limitante para o sexo oposto. Essa dinâmica proporciona maior possibilidade de escolha de parceiros pelos indivíduos do sexo que investe mais no cuidado com a prole, e maior competição entre os membros do sexo que investem menos (ALCOCK, 2001; TRIVERS, 1972).

Mais especificamente na espécie humana o sexo que investe mais recursos, tanto temporais quanto materiais e energéticos na produção de um filho, é o feminino. Para a mulher, uma cópula pode resultar numa gestação, o que representa um compromisso com uma carga prolongada, tanto no sentido mecânico quanto fisiológico, e um aumento do risco para a sobrevivência diante do estresse e de todos os perigos inerentes a esse período (GEARY, 1998). Possivelmente, a maioria dos mecanismos psicológicos é comum em homens e mulheres, no entanto, alguns são mais característicos para determinado sexo, justamente pelo fato de que eles foram utilizados para resolver problemas adaptativos distintos para cada um.

No que consta na literatura, os sexos não diferem em inteligência geral e são similares em muitos comportamentos, no entanto, têm-se evidenciado algumas diferenças substanciais (GEARY, 1998). Nas mulheres, são encontradas diferenças no

desempenho em leituras de expressões faciais, bem como linguagem corporal; sendo essas mais sensíveis a linguagem não-verbal e na inferência sobre os estados emocionais de outras pessoas (teoria da mente). Nos homens, são encontradas diferenças no desempenho em habilidades matemáticas de geometria e raciocínio, principalmente envolvendo pensamento abstrato e conceitos matemáticos; em habilidades mecânicas e espaciais.

Além das diferenças cognitivas, existem grandes diferenças em muitos traços comportamentais. Por exemplo, mulheres tentem a exibir mais comportamentos de cuidado e interesse por crianças e atividade que empregam amor sensibilidade, empatia e voltadas ao relacionamento com outros. Já os homens tendem a se voltar para tarefas de *performance*, independência, sistematização e comparação de habilidades, além de serem mais inclinados a comportamentos de risco, busca por status, dominância e competitividade (GEARY, 1998).

1.7. Problema de investigação

A literatura sobre as diferenças intersexuais, o dimorfismo mental e comportamental é extremamente ampla. No entanto, podemos observar que foram poucos os trabalhos dedicados a explorar comparações intersexuais quanto à formação das primeiras impressões, o processo de codificação de categorias sociais e detecção de alianças e coalizões. Assim, faz-se necessárias novas investigações com o intuito de articular conteúdos específicos como: as diferenças sexuais, o processo de codificação e categorização social, a psicologia das coalizões, bem como a análise das primeiras impressões a fim de construirmos um panorama robusto e mais fidedigno possível à verdadeira história da origem e evolução do comportamento humano.

2. OBJETIVO

A presente pesquisa é um desdobramento de um projeto do Instituto do Milênio de Psicologia Evolucionista do CNPq, coordenado pela Profa. Maria Emília Yamamoto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o qual envolveu uma replicação do estudo de Kurzban, Tooby e Cosmides (2001).

O presente trabalho, a partir de uma nova proposta metodológica, tem como foco de interesse ampliar a compreensão da natureza dos processos mentais, sua relação com a categorização racial e étnica; e com as bases cognitivas de cooperação, trapaça e conflito envolvidas na formação das primeiras impressões.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivos:

2.1. Geral

- Compreender os mecanismos, preferências e as diferenças intersexuais subjacentes a uma análise das primeiras impressões em seres humanos.

2.2. Específicos

- Investigar a existência de diferenças intersexuais na categorização social e no processo de análise e formação das primeiras impressões.

- Investigar a influência do sexo e da cor de pele na formação das primeiras impressões.

- Investigar a existência de preconceito e/ ou estereótipo (com relação ao sexo e a cor da pele de um determinado sujeito estímulo) e sua influência na análise e formação das primeiras impressões.

2.3. Hipóteses e predições.

- a) A cor de pele, bem como o sexo do sujeito estímulo exerce um poder de influência na avaliação do sujeito estímulo. Entretanto, o poder de influência é diferente, conforme a característica analisada. Considerando que numa situação de primeira impressão, onde você não sabe qualquer informação adicional sobre o sujeito, predizemos que tanto a cor de pele como o sexo do sujeito estímulo exercerá uma maior influência sobre a avaliação de pistas visuais (atratividade física, por exemplo) do mesmo, comparado à interferência das outras características avaliadas

- b) Considerando que homens e mulheres evoluíram concomitantemente enfrentando, em grande parte, as mesmas pressões do ambiente, predizemos que não haverá diferenças na avaliação dos sujeitos estímulos pelos sexos dos respondentes. Entre outras palavras, o sexo respondente não influenciará na avaliação do sujeito estímulo numa situação de primeira impressão. Embora, diante dos achados da literatura, na qual se diz que as mulheres apresentam uma percepção mais aguçada, esperamos encontrar uma avaliação ligeiramente mais refinada (que implica num número maior de diferenças significantes com relação aos perfis analisados) comparado à dos homens.

- c) Levando em consideração os fatos históricos, bem como a situação socioeconômica do país marcada pela desigualdade social, esperamos uma análise das primeiras impressões diferente quanto às categorias sociais de interesse (sexo e cor da pele). Dessa forma, esperamos encontrar a incidência de preconceitos e/ou estereótipo com relação aos perfis avaliados pelos sujeitos respondentes

3. MATERIAIS E MÉTODO

3.1. Material:

Para a presente pesquisa foi necessário a confecção de oito vídeos com duração de 20'', sem qualquer som. Na literatura a maioria dos trabalhos semelhantes à proposta desse estudo é feita com fotos, por isso optamos por uma nova ferramenta o que denota a originalidade e a relevância desse trabalho. Além disso, preferimos por trabalhar com vídeoclips, uma vez que acreditamos que estes sejam mais eficazes e fidedignos ao estímulo necessário para uma análise e formação das primeiras impressões, haja vista que nossas relações sociais são constituídas por encontros, pelo conhecimento de pessoas pela TV, pelo contato virtual com pessoas via internet, e não apenas por fotos, as quais são destituídas de movimentos e mudanças de expressões.



Fig. 1: Imagens das pessoas exibidas nos vídeoclips. Da esquerda para a direita: MB1, MB2, HB1 e HB2; MN1, MN2, HN1 e HN2.

As filmagens consistiram na exibição de imagens de pessoas, simulando uma entrevista de emprego. Cada vídeo exibia um perfil (sujeito estímulo) constituído por duas categorias: sexo e cor de pele. Desse modo, foram usados para o experimento quatro vídeos de mulheres, duas brancas (MB1, MB2) e outras duas negras (MN1, MN2); quatro vídeos de homens, dois brancos (HB1, HB2) e outros dois negros (HN1, HN2) – todos de idade entre 18-25 anos (Fig. 1). Em seguida esses vídeos foram

organizados em uma apresentação interativa no *Microsoft Power Point* 2007. Nesta apresentação continha as instruções básicas, assim como os oito vídeos para que o sujeito respondente e avaliasse o sujeito estímulo, e formasse uma primeira impressão deste

3.2. Participantes

A amostra foi constituída de 43 indivíduos, 13 homens e 30 mulheres, de 17 a 34 anos ($M = 23,06$; $SD = 3,95$), estudante dos cursos graduação de Ciências Biológicas, Psicologia, Ecologia e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Natal, Brasil. Durante o procedimento experimental foi requerido que o participante auto-atribuísse uma nota numa escala de 0 (muito branca) a 6 (muito escura) para a sua cor de pele. Assim, a amostra foi constituída por mulheres, em média, com 2,67 ($SD = 1,09$) e homens com 3,08 ($SD = 1,08$) pontos no que se refere a cor de pele auto-atribuída.

3.3. Procedimentos

Foi solicitada participação voluntária e entrega de um termo de consentimento (ANEXO 1) esclarecido para cada indivíduo. Após o recolhimento do termo foi distribuído o caderno de resposta (ANEXO 2) para os sujeitos respondentes. Estes tinham que atribuir uma nota de 0 a 6 (escala Likert) quanto à atratividade física (AF), competência (COMP), sucesso na carreira (SUC), agressividade (AG), confiabilidade (CONF) e qualidade geral (QUALI) para cada sujeito estímulo. Ainda, o participante deveria fazer uma atribuição da cor da pele do estímulo (0-muito branca a 6-muito escura) e responder se conhecia ou não aquele sujeito. A amostra foi constituída de mulheres. Todo o processo de preenchimento do caderno de resposta era feito individualmente.

Antes do experimento propriamente dito, tratamos de formar um júri para assegurar que as pessoas exibidas nos vídeos tinham cores de pele diferentes. Foram

recrutados 10 sujeitos, os quais passaram pelo mesmo protocolo descrito acima. Com as diferenças significantes nos escores obtidos para a cor de pele de cada estímulo, foi possível categorizá-los como possuidores de uma cor de pele “branca” ou “negra”.

4. RESULTADOS

Os dados coletados foram analisados pelo programa estatístico SPSS. No total cada participante avaliava oito vídeos (HB1, HB2, HN1, HN2, MB1, MB2, MN1 e MN2), entretanto, na verdade eram avaliados quatro perfis (HB, HN, MB e MN). Por isso, antes da análise estatística propriamente dita, tratamos de fazer uma média para cada característica de cada perfil avaliado, transformando a avaliação dos oito vídeos em uma avaliação de quatro perfis (Fig. 2).



Fig. 2: Médias para as avaliações dos perfis em estudo feitas pelos participantes de ambos os sexos. NCOR é a nota atribuída pelos respondentes quanto à cor de pele do sujeito estímulo numa escala de 0 (muito branca) a 6 (muito escura).

Em seguida, tratamos de fazer um teste t para avaliarmos se a cor dos sujeitos estímulos era percebida, pelos respondentes, como de fato diferentes (Tabela 1). Os resultados do teste nos mostram que todas as diferenças foram significantes, embora, dentre os perfis, HB é percebido com uma cor de pele mais escura do que MB e HN é percebido como uma cor de pele mais clara do que MN.

Tabela 1

Resultado do teste t student pareado para NCOR

Cor do sujeito estímulo	RSEXO	Valor de p			Perfil	Média	Desvio Padrão
	NCOR_HB - NCOR_HN	0,001	#	HN > HB	NCOR_HB	2,23	0,77
	NCOR_HB - NCOR_MB	0,001	#	HB > MB	NCOR_HN	3,60	0,57
	NCOR_HB - NCOR_MN	0,001	#	MN > HB	NCOR_MB	1,59	0,72
	NCOR_HN - NCOR_MB	0,001	#	HN > MB	NCOR_MN	4,61	0,64
	NCOR_HN - NCOR_MN	0,001	#	MN > HN			
	NCOR_MB - NCOR_MN	0,001	#	MN > MB			

*p < 0,005

Tratamos de fazer um teste GLM (Modelo Linear Geral) com medidas repetidas a fim de avaliar o efeito do sexo respondente (RSEXO) na avaliação dos quatro perfis (HB, HN, MB e MN) e diferenças significantes quanto à avaliação dos perfis feita pelo RSEXO, além de investigar a existência ou não do efeito de interação entre a variável RSEXO e perfil. Após esse tratamento estatístico, decidimos, caso houvesse uma diferença significativa nas avaliações dos quatro perfis, fazer um estudo mais detalhado por meio de um *post hoc* – teste t *student* pareado com α corrigido - para cada sexo, investigando a presença ou não de supostos preconceitos e estereótipos nos perfis em análise.

4.1. Comparação Intersexual

No total seis testes de GLM com medidas repetidas foram realizados (tabela 2), os quais procuraram o tamanho de efeito global de cada variável dependente de interesse. As hipóteses de normalidade, homogeneidade da variância e esfericidade foram todas satisfeitas.

Tabela 2

Resultados do teste de GLM Medidas Repetidas com perfis como fator dentro sujeitos e sexo como fator entre sujeitos

Variável dependente	RSEXO (sexo do sujeito respondente)			PERFIL (HB, HN, MB, MN)			PERFIL-RSEXO (efeito da interação)		
	gl	Valor de F	Valor de p	gl	Valor de F	Valor de p	gl	Valor de F	Valor de p
Atratividade física	1, 35	0,36	0,01*	3, 105	8,34	< 0,001*	3, 105	1,03	0,937
Competência	1, 38	701,58	0,032*	1, 38	2,28	0,082	1, 38	0,26	0,854
Sucesso na Carreira	1, 38	0,63	0,109	3, 114	3,18	0,026*	3, 114	684,3	0,592
Agressividade	1, 27	1	0,326	3, 81	2,45	0,69	3, 81	1,38	0,258
Confiabilidade	1, 38	0,73	0,788	3, 114	3,44	0,019*	3, 114	0,76	0,516
Qualidade Geral	1, 39	1,56	0,219	3, 117	3,52	0,017*	3, 117	0,78	0,972

* p < 0,005

Os resultados mostraram ser provável que as diferenças entre RSEXO na avaliação dos quatro perfis quanto às características: SUC, AG, CONF e QUALI tenham se originado somente em virtude do erro amostral ($p > 0,05$). Entretanto, houve diferenças significantes entre RSEXO na avaliação da AF e COMP dos quatro perfis. Pode-se concluir que homens e mulheres fizeram avaliações diferentes dos perfis somente com relação AF e COMP, confirmando parcialmente a hipótese “b”. Com relação ao efeito dos perfis na avaliação do sujeito respondente, foram constatadas diferenças significantes quanto à AF, SUC, CONF e QUALI, diferenças essas que podem ser creditadas tanto ao sexo quanto a cor do sujeito estímulo - o que confirma parcialmente a hipótese “a”. Esses resultados também nos mostraram que as médias dos perfis avaliados são iguais apenas quanto à COMP e AG. Não foi observado nenhum efeito de interação entre as variáveis RSEXO e PERFIL.

4.2. Comparação entre os sexos respondentes

Após a realização do teste GLM, investigamos de forma mais detalhada as diferenças significativas entre as médias dos perfis analisados para cada sexo respondente. Para tanto, tratamos de fazer um *post hoc* – teste t *student* pareado com α corrigido ($p < 0,008$) – para as seguintes características: AF (tabela 3 e 4), SUC (Tabela 5 e 6), CONF (Tabela 7 e 8) e QUALI (Tabela 9 e 10).

Tabela 3

Médias e desvios padrões para AF

RSEXO FEMININO			RSEXO MASCULINO		
Perfil	Média	Desvio Padrão	Perfil	Média	Desvio Padrão
AF_HB	2,11	0,84	AF_HB	2,80	1,23
AF_HN	3,29	1,23	AF_HN	3,35	1,40
AF_MB	2,87	1,60	AF_MB	3,40	1,74
AF_MN	2,20	1,36	AF_MN	2,64	1,43

Tabela 4

Resultados do teste t student pareado para AF

RSEXO FEMININO			RSEXO MASCULINO		
Atratividade física	Comparação das médias	Valor de p	Comparação das médias	Valor de p	
	AF_HB - AF_HN	0,001 HN > HB	AF_HB - AF_HN	0,017	
	AF_HB - AF_MB	0,013	AF_HB - AF_MB	0,067	
	AF_HB - AF_MN	0,708	AF_HB - AF_MN	0,819	
	AF_HN - AF_MB	0,115	AF_HN - AF_MB	0,483	
	AF_HN - AF_MN	0,001 HN > MN	AF_HN - AF_MN	0,027	
	AF_MB - AF_MN	0,001 MB > MN	AF_MB - AF_MN	0,000 MB > MN	

* $p < 0,008$

Tabela 5

Médias e desvios padrões para SUC

RSEXO FEMININO			RSEXO MASCULINO		
Perfil	Média	Desvio Padrão	Perfil	Média	Desvio Padrão
SUC_HB	3,69	1,50	SUC_HB	3,04	0,99
SUC_HN	3,36	0,88	SUC_HN	2,92	0,87
SUC_MB	3,83	0,99	SUC_MB	3,55	0,91
SUC_MN	3,81	0,96	SUC_MN	3,63	0,68

Tabela 6

Resultados do teste t student pareado para SUC

Sucesso na Carreira	RSEXO FEMININO		RSEXO MASCULINO	
	Comparação das médias	Valor de p	Comparação das médias	Valor de p
	SUC_HB - SUC_HN	0,221	SUC_HB - SUC_HN	0,643
	SUC_HB - SUC_MB	0,611	SUC_HB - SUC_MB	0,078
	SUC_HB - SUC_MN	0,694	SUC_HB - SUC_MN	0,002 MN > HB
	SUC_HN - SUC_MB	0,030	SUC_HN - SUC_MB	0,140
	SUC_HN - SUC_MN	0,022	SUC_HN - SUC_MN	0,009
	SUC_MB - SUC_MN	0,929	SUC_MB - SUC_MN	1,000

* p < 0,008

Tabela 7

Médias e desvios padrões para CONF

RSEXO FEMININO			RSEXO MASCULINO		
Perfil	Média	Desvio Padrão	Perfil	Média	Desvio Padrão
CONF_HB	3,09	1,30	CONF_HB	3,42	1,00
CONF_HN	3,29	1,09	CONF_HN	3,46	0,58
CONF_MB	3,88	1,02	CONF_MB	3,64	0,81
CONF_MN	3,78	0,91	CONF_MN	3,54	0,54

Tabela 8

Resultados do teste t student pareado para CONF

Confiabilidade	RSEXO FEMININO		RSEXO MASCULINO	
	Comparação das médias	Valor de p	Comparação das médias	Valor de p
	CONF_HB - CONF_HN	0,367	CONF_HB - CONF_HN	0,889
	CONF_HB - CONF_MB	0,009	CONF_HB - CONF_MB	0,107
	CONF_HB - CONF_MN	0,011	CONF_HB - CONF_MN	0,571
	CONF_HN - CONF_MB	0,030	CONF_HN - CONF_MB	0,614
	CONF_HN - CONF_MN	0,056	CONF_HN - CONF_MN	0,658
	CONF_MB - CONF_MN	0,576	CONF_MB - CONF_MN	0,441

* p < 0,008

Tabela 9

Médias e desvios padrões para QUALI

RSEXO FEMININO			RSEXO MASCULINO		
Perfil	Média	Desvio Padrão	Perfil	Média	Desvio Padrão
QUALII_HB	3,43	1,10	QUALII_HB	3,33	1,13
QUALII_HN	3,65	0,81	QUALII_HN	3,58	1,10
QUALII_MB	3,97	1,01	QUALII_MB	3,59	0,86
QUALII_MN	3,88	0,80	QUALII_MN	3,67	0,58

Tabela 10
Resultados do teste t student pareado paraQUALI

Qualidade Geral	RSEXO FEMININO		RSEXO MASCULINO	
	Comparação das médias	Valor de p	Comparação das médias	Valor de p
	QUALII_HB - QUALII_HN	0,223	QUALII_HB - QUALII_HN	0,352
	QUALII_HB - QUALII_MB	0,028	QUALII_HB - QUALII_MB	0,242
	QUALII_HB - QUALII_MN	0,057	QUALII_HB - QUALII_MN	0,314
	QUALII_HN - QUALII_MB	0,124	QUALII_HN - QUALII_MB	0,501
	QUALII_HN - QUALII_MN	0,138	QUALII_HN - QUALII_MN	0,777
	QUALII_MB - QUALII_MN	0,582	QUALII_MB - QUALII_MN	0,749

* p < 0,008

Diante dos resultados obtidos, podemos concluir que não houve muitas diferenças significantes na avaliação dos perfis tanto para as mulheres como para os homens respondentes. Apenas foi observado diferenças quanto à AF e SUC, o que confirma nossa hipótese “a”, a qual rezava que o poder de influência do perfil na avaliação do sujeito estímulo era diferente conforme a característica analisada. O que fica claro é que a variável AF é a que mais afeta na avaliação, sendo esta responsável por diferenças significantes tanto para o sexo masculino como para o feminino respondente, correspondendo exatamente nossas expectativas contidas na hipótese “a”. Como previsto também na hipótese “b”, as mulheres apresentaram um número de diferenças significante maior do que os homens - enquanto nas avaliações do sexo masculino foram constatadas duas diferenças (AF: MB > MN; SUC: MN > HB), nas do sexo feminino houve três (AF: HN > HB; HN > MN; MB > MN).

Dentre as diferenças observadas, HB e MN foram os que obtiveram as menores notas para AF e SUC. Para ambos os sexos MB é mais atraente do que MN. Para as mulheres respondentes, HN é mais atraente do que MN e HB, porém, o mesmo não é menos atraente do que MB. Já para os homens respondentes, MN é mais bem sucedida do que HB. Dessa forma, os resultados descritos nos mostram uma sutil discriminação com relação ao perfil HB e principalmente com MN, confirmando nossa hipótese “c” – sobre a suposta presença de preconceitos e/ou estereótipo com relação aos perfis avaliados pelos sujeitos respondentes.

5. DISCUSSÃO

5.1. O acesso as informações para a formação das primeiras impressões.

Nossos resultados nos dão elementos para fazer inferências sobre a força das pistas visuais no processo de codificação de categorias sociais e formação das primeiras impressões. Nas ponderações dos quatro perfis somente houve apenas diferenças significativas, para ambos os sexos, quanto à atratividade física. Nesse sentido, podemos concluir que tal característica (pista visual) possui um poder bastante informativo, que pode ser processada automática e simultaneamente, não requerendo muito esforço cognitivo. Esses resultados corroboram outros estudos (TAYLOR et. al., 1978; STANGOR et al., 1992; TAJFAL, 1981; CONSENTINO, 2007), os quais trataram de investigar a codificação de categorias sociais, bem como a detecção de alianças e coalizões. Em contrapartida, acreditamos que atribuir uma nota (fazer um julgamento) acerca de outro sujeito, que você acabou de conhecer, sobre a competência, sucesso na carreira, agressividade e confiabilidade exige um maior esforço cognitivo. É provável que o acesso a essas informações seja mais custoso e menos dependente das primeiras impressões. Além disso, por meio da teoria dos jogos, popularizada por Axelrod (1981) e aplicada à biologia por John Maynard Smith (1973), é razoavelmente fácil compreendermos porque as outras características afetaram menos a avaliação dos perfis. Avaliar a competência, agressividade, sucesso na carreira, bem como confiabilidade de outro sujeito, além de demandar maior esforço cognitivo, por certo depende de uma interação mais estável e contínua.

5.2. Diferenças intersexuais nas avaliações dos perfis

Nossos resultados do teste GLM com medidas repetidas nos mostraram que homens e mulheres respondentes avaliariam de formas diferentes os quatro perfis somente quanto à Atratividade Física e Competência. A hipótese “b” desse trabalho rezava que não haveria diferenças na avaliação dos sujeitos estímulos pelos sexos dos respondentes, o que foi parcialmente confirmada pelos nossos resultados – a maioria das características em análise não houve diferenças significantes.

Para Pinker (2004), algumas diferenças entre os sexos são grandes e outras, pequenas; contudo, as diferenças podem ser pequenas em média, mas grandes nos extremos. Em muitas a curva normal para os homens é mais achatada e larga do que para as mulheres revelando em suas extremidades as maiores discrepâncias entre os grupos. Cronin (1991) explica isso inferindo que os traços sexualmente selecionados tendem a exibir maior variabilidade. Na espécie humana, de maneira geral, a fêmea, como recurso limitante, seleciona o parceiro; enquanto os machos competem entre si pelo acesso às fêmeas com capacidade reprodutiva. Entretanto, isso não significa que os primeiros não selecionam nem a última compete (GEARY, 1998). Logo, faz sentido o fato de que muitos traços apresentem maior variabilidade em machos do que em fêmeas, em decorrência da competição intra-sexual. Por meio de uma gama maior diversidade de traços, as avaliações entre os sexos respondentes podem se diferir, principalmente para AF que é uma característica bastante informativa. A investigação *post hoc*, reforça esse argumento. Apenas foi diagnosticado pelo teste t pareado com α corrigido ($< 0,008$) diferenças significantes quanto à avaliação de AF e SUC. Dentre as mulheres foi constatadas três diferenças, enquanto nos homens duas. Essa diferença pode estar relacionada com a refinada habilidade feminina em processar informações faciais e não verbais.

Foley e Lee (1989) acreditam que, entre os australopithecíneos, as fêmeas dispersariam e os machos permaneceriam no grupo natal, formando alianças e coalizões mais sólidas, principalmente baseadas em parentesco para a defesa de seu território. Nesse sentido, em decorrência do processo de migração, as fêmeas ficaram mais sujeitas às pressões que as tornaram uma “avaliadora” mais apurada, com uma percepção mais aguçada. Essa percepção mais refinada pode ser vista como vantagem adaptativa, visto que com isso é possível fazer uma avaliação mais concisa do potencial (genético e de recursos) do grupo para o qual a mulher emigraria. Ademais, universalmente e em todas as idades, meninas e mulheres demonstram grande vantagem sobre meninos e homens no julgamento de pistas emocionais baseadas na expressão facial e postura corporal (GEARY, 1998). O sexo feminino é mais sensível à comunicação não-verbal e, essa habilidade por certo, está evolutivamente relacionada às pressões seletivas não somente advindas do seu nicho de dispersão, mas também da dinâmica da seleção sexual (GEARY, 1998; PINKER, 2004).

5.3. Influencia da cor da pele na formação das primeiras impressões.

Os resultados do teste GLM com medidas repetidas nos mostraram que os perfis foram avaliados de forma semelhante apenas quanto à agressividade e competência. Porém, em avaliações de atratividade física, sucesso na carreira, confiabilidade e qualidade geral; foram constatadas algumas diferenças significantes, as quais podem ser creditadas tanto ao sexo quanto a cor do estímulo. Devido ao pequeno número de respondentes, não foi possível fazer um tratamento estatístico mais robusto que nos mostrasse com maior acuidade o poder de influência de cada variável independente (cor e sexo do sujeito estímulo). O que podemos alegar é que certamente essas duas variáveis influenciam na formação das primeiras impressões – devido às diferenças significantes mencionadas anteriormente -, contudo não temos subsídios empíricos para discutir a dinâmica dessas influências. Não obstante, como existem inúmeros trabalhos na literatura sugerindo uma influência da cor da pele, como uma pista visual na codificação de raça e detecção de coalizões e alianças (TAYLOR et. al., 1978; TAJFAL, 1981; CONSENTINO, 2007), é aconselhável ampliar esse estudo e investigar mais a fundo essas questões.

5.4. Discriminação e preconceito racial.

Antes de tudo, é válido ressaltar que o experimento desse estudo buscou exibir imagens dos perfis simulando uma entrevista de emprego, reproduzindo artificialmente uma situação corrente do mercado de trabalho. Nossos resultados obtidos pelos testes *post hoc* nos apontam uma tendência sutil na discriminação de dois perfis; HB foi visto pelos homens respondentes, em média, como menos bem sucedidos do que MN e, pelas mulheres, como menos atraentes do que HN. MN foi vista por ambos os sexos respondentes, em média, como menos atraente do que MB e, somente pelas mulheres, como menos atraente do que MB e HN.

Os resultados desse estudo não nos dão subsídios para discutir alguns dados, por exemplo, quanto à diferença encontrada entre a avaliação da atratividade física do perfil HN e HB feita pelas mulheres, ou ainda dos homens respondentes que avaliaram,

em média, como o perfil MN mais bem sucedido do que HB. São necessários novos estudos que tateiem e analisem melhor essas supostas diferenças. Entretanto, no que tange a esta discussão, apenas podemos lembrar que, numa escala de 0 (muito branca) a 6 (muito escura), o perfil HB ($M = 2,23$; $SD = 0,77$) é percebido com uma cor de pele mais escura do que MB ($M = 1,59$; $SD = 0,72$) e HN ($M = 3,60$; $SD = 0,57$) é percebido como uma cor de pele mais clara do que MN ($M = 4,61$; $SD = 0,64$) – o que pode explicar a influência da cor da pele e, por consequência, a avaliação do perfil HB.

Como dito anteriormente, o perfil MN foi o que teve maior discriminação, o que se corrobora com outras pesquisas de abrangência nacional realizadas tanto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Soares (2000), com base na pesquisa feita pelo IPEA que apresenta conclusões bastante parecidas com a do IBGE, interpreta o perfil da discriminação contra mulheres como resultado do papel social de cada sexo na sociedade, pois os homens seriam os chefes de família, teriam mais responsabilidades, etc. Logo, existiria um acordo tácito no mercado de trabalho, que implica em melhores condições (salário, por exemplo) para os homens. Para o mesmo autor existiria uma visão do que seria o lugar do negro na sociedade, que é o de exercer um trabalho manual, sem fortes requisitos de qualificação. Essa visão estereotipada levaria a discriminação, na medida em que o negro porventura tentaria ocupar um posto mais disputado e cobiçado no seu ambiente social. Os dados do IBGE/PNAD (Pesquisa por Amostra de Domicílio, 2006) apontam dois tipos de discriminação no mercado de trabalho: a discriminação contra negros e a discriminação contra mulheres – o que explica de forma concisa a discriminação com relação ao perfil MN obtida entre nossos resultados. Nossa opinião é de que as conclusões de Soares procedem, visto que estas se apóiam em argumentos factuais, compatíveis com a história de nosso país.

O relatório para o desenvolvimento humano (2007/2008) da Organização das Nações Unidas aponta que, o disparate entre homens e mulheres na educação, participação no mercado de trabalho e recebimento de salários, está diminuindo em todo o mundo. A explicação mais geral para isso, pelo menos para o nosso país, é que foi somente nas últimas décadas do século XX que as mulheres emergiram como sujeitos sociais, históricos e econômicos. Além disso, só nos últimos trinta anos que as mulheres tornaram-se a metade da população economicamente ativa no Brasil. Com

relação aos negros, é razoável associá-los ao seu passado histórico, marcado, sobretudo pela escravidão – onde eram incumbidos de exercer trabalhos manuais e viver sob tutela de um proprietário, sem nenhuma possibilidade de ascensão sócia e conquista de um status social na sociedade.

Como se pode ver, tudo isso são registros históricos do país, os quais podem nos oferecer justificativas plausíveis para a compreensão do fenômeno de interesse. Entretanto, não nos possibilita vislumbrar o fenômeno como um todo, visto que é imprescindível compreender também o passado evolutivo dos indivíduos que compõem o país. Acreditamos que os fatos históricos, bem como as pressões evolutivas, juntos, podem nos oferecer respostas mais robustas e adequadas para entendermos, de fato a realidade tal como ela se apresenta.

Dessa forma, é possível inferir que com o advento de métodos anticoncepcionais sofisticados, por exemplo, a mulher ficou menos susceptível a engravidar, tendo mais tempo livre para se engajar em atividades econômicas. Algo que não ocorria no ambiente ancestral, onde a maior parte do período reprodutivo a mulher passava em gestação ou em lactação.

Por meio dessa perspectiva histórico-evolutiva é possível inferirmos também que com o processo de globalização, houve um intercâmbio maior de pessoas com origens, culturas e padrões fenotípicos distintos. Por consequência, tornou mais evidente o preconceito e da discriminação, sobretudo aquele correlacionado a traços físicos, como a cor da pele. Algo que também não ocorria no ambiente ancestral, onde os grupos não se deslocavam a grandes distâncias (COSMIDES et al., 2005) e não se deparava, ao longo da sua vida, com pessoas com fenótipos tão distintos. Desse modo, é provável que a codificação racial seja realmente um subproduto de programas que evoluíram com uma função alternativa para algo que não era parte do modo de vida de nossos ancestrais: detectar coalizões e alianças (KURZBAN et. al., 2001; COSMIDES et al., 2005)

Levando em consideração que nossa amostra foi constituída por participantes do sexo masculino com uma cor de pele (escala de 0 (muito branca) a 6 (muito escura) , em média, de 3,08 (SD = 1,08) e por mulheres com 2,67 (SD = 1,09) e que os perfil MN foi percebido com uma cor de pele, em média, de 4,68 (SD = 0,57) pelas mulheres e 4,38 (SD = 0,74) pelos homens; é possível aventarmos a possibilidade de que na

avaliação estaria havendo a detecção de sinais associados aos traços físicos e, por conseguinte, codificação de raça - interferindo na avaliação do sujeito estímulo.

Portanto, nossos resultados, especialmente àqueles associados ao perfil MN, podem se interpretados como sendo produto tanto da influência cultural associada à história, bem como dos mecanismos psicológicos evoluídos associados às pressões evolutivas, preparados para a detecção de sinais, sobretudo associados à formação de alianças e coalizões.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, nosso estudo quanto à formação das primeiras impressões parece nos trazer resultados interessantes, na medida em que reflete alguns aspectos correntes no meio social que sobrevivem à primeira impressão de um indivíduo qualquer.

Com relação ao acesso das informações durante a formação das primeiras impressões, fica a dúvida do quanto a probabilidade de interações futuras acontecer interfere na formação das mesmas. As interações repetidas são, segundo Trivers (1971), a base para a evolução da cooperação nos animais. Assim, observando o que determinado indivíduo fizera na última ocasião, outro sujeito poderia, com efeito, reunir informações sobre o comportamento futuro e provável daquele. Desse modo, a ocorrência de reencontros possibilitaria a evolução do altruísmo recíproco (TRIVERS, 1971).

Quando um sujeito forma uma primeira impressão de outro, existe uma incerteza quanto ao futuro dessa, na medida em que existe a real possibilidade de um reencontro. Neste, a primeira impressão pode ser examinada novamente e pode ser alterada. Entretanto, existe também a possibilidade de não ocorrer um reencontro. Por exemplo, atualmente boa parte da população mundial está concentrada em grandes cidades, onde a probabilidade de reencontros é altamente reduzida. Nesse caso, poder-se-ia predizer que a frequência de atos cooperativos em grandes cidades deve ser menor do que nas pequenas; haja vista que o tamanho do grupo é um fator importante que interfere na cooperação do grupo. Trabalhos com o Dilema dos bens públicos sugerem que, em grupos pequenos, a cooperação é maior do que em grupos

grandes. Uma possível explicação para isso é que nos grupos pequenos a fiscalização dos outros membros do grupo se intensifica (KOLLOCK, 1998; SUZUKI & AKIYAMA, 2005; ALENCAR & YAMAMOTO, 2008). Porém, outro fator que pode interferir na cooperação do grupo é a análise e formação das primeiras impressões; o que demandaria outros estudos para sanar as seguintes dúvidas, das quais algumas advêm dos resultados desse trabalho: o fato de um sujeito conhecer outro e, ao mesmo tempo, saber que não o verá novamente; influencia na formação das suas primeiras impressões? Os processos de análise das primeiras impressões são dependentes da probabilidade de um suposto reencontro? Quão os processos mentais envolvidos na formação das primeiras impressões estão relacionados com as bases cognitivas da cooperação e da trapaça?

Além disso, como já salientamos anteriormente, é necessária uma ampliação desse estudo para compreendermos melhor a dinâmica e influência do sexo e da cor da pele no processo de formação das primeiras impressões.

Por fim, concluímos que é necessário e possível compreender as origens do preconceito social, escorados em uma perspectiva histórico-evolutiva, e sua relação com as primeiras impressões. Ademais, no que tange a discussão sobre a existência de preconceito racial, é importante não nos deixarmos ser seduzidos pela falácia naturalista, de achar que o que é natural é necessariamente bom, haja vista que existe um imenso abismo entre *o que é* e *o que deve ser*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alcock, J. *Animal behavior: an evolutionary approach*. 7 ed. Sunderland: Sinauer, 2001.

Axelrod, R. & Hamilton, W. D. The evolution of cooperation. *Science*, 211(4489), 1390-1396, 1981.

Alencar, A. I.; Yamamoto, M. E.; Does group size matter? Cheating and cooperation in Brazilian School children. *Evolution and Human Behavior*, 29, 42-48, 2008.

Arcuri, L. Three patterns of social categorization in attribution memory. *European Journal of Social Psychology*, 12, 271-282, 1982.

- Bamshad, M. J. et al. Human population genetic structure and inference of group membership. *American Journal of Human Genetic*, 72, 578-589, 2003.
- Bowlby, J. (1984 a). *Apego - Apego e Perda*, - vol. 1 da trilogia Apego e Perda, São Paulo: Martins Fontes apud IZAR Izar, P. Ambiente de adaptação evolutiva. In: M. E. Yamamoto; E. Otta (Eds.). *Psicologia evolucionista*. [S.l.: s.n.], no prelo.
- Broom, D. M. (2006). The evolution of morality. *Applied Animal Behavioral Science*, 100, 20-28.
- Buss, D. M. *Evolutionary Psychology: the new science of the mind*. Boston: Allyn & Bacon, 1999.
- Consentino, L. A. M. Nós versus eles, eles e elas: comparação intercultural e Intersexual na detecção de coalizões e alianças, São Paulo, 2007. 133pp (Dissertação de mestrado) – Universidade de São Paulo.
- Cosmides, L.; Tooby, J.; Barkow, J. H. Introduction: evolutionary psychology and conceptual integration. In: J. H. Barkow, L. Cosmides; J. Tooby (Eds.). *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture*. NY: Oxford University Press, 1992.
- Cosmides, L.; Tooby, J. Evolutionary psychology and the emotions. In: M. Lewis; J. M. Haviland-Jones (Eds.). *Handbook of emotions*. 2. ed. NY: Guilford, 2000.
- Cosmides, L, Tooby, J., Fiddick, L.; Bryant, G. Detecting cheaters. *Trends in Cognitive Sciences*, 9, 11, 505-506, 2005.
- Cronin H. *The ant and the peacock*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Darwin, C. (1859) *A origem das espécies*. São Paulo: Ediouro, 2004.
- Darwin, C. (1871) *A origem do homem e a seleção sexual*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.
- Dawkins, R. O Relojoeiro Cego, Cia das letras: São Paulo, 2001.
- Dawkins, R. *The selfish gene*. New York: Oxford University Press, 1976.
- Foley, R.A., & Lee, P. Finite social space, evolutionary pathways and reconstructing hominid behaviour. *Science*, 243, 901-906, 1989.
- Gahagan, J. Comportamento interpessoal e de grupo. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- Geary, D. C. *Male, female: the evolution of human sex differences*. Washington: APA, 1998.
- Gould, S. J. *Darwin e os grandes mistérios da vida*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- Hutchinson, G. E. The Biosphere. *Scientific American* 223,3, 45-53. Ingold, T. 1982. *Current Anthropology* 23,5, 531-532.
- Johnson, A. W. & Earle, T. (2000). *The evolution of human societies: From foraging group to agrarian state*. 2ª ed. Stanford: Stanford University Press.
- Kollock, P. (1998). Social dilemmas: The anatomy of cooperation. *Annual Review of Sociology*, 24, 183-214.
- Kurzban, R.; Tooby, J.; Cosmides, L. Can race be erased?: coalitional computation and social categorization. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 98, 26, 15387-15392, 2001. PMID: 11742078.
- Instituto Brasileira de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio(PNAD)in:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2006/default.shtm>, acessado: 02 novembro de 2008.
- Izar, P. Ambiente de adaptação evolutiva. In: M. E. Yamamoto; E. Otta (Eds.). *Psicologia evolucionista*. [S.l.: s.n.], no prelo.
- Organizações das Nações Unidas (ONU). Relatórios de Desenvolvimento Humano (PNUD 2007/2008).
- Pinker, S. *Como a mente funciona*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Pinker, S. *Tabula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- Sani, F., Bennett, M.; Soutar, A. U. The ecological validity of the “who said what?” technique: an examination of the role of self-involvement, cognitive interference and acquaintanceship. *Scandinavian Journal of Psychology*, 46, 83-90, 2005.
- Smith, M. & Price, G. R. The logic of animal conflict. *Nature*, 246, 15-18, 1973.
- SOARES, Serguei Suarez D. O perfil da discriminação no mercado de trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Texto para discussão 769. Brasília: IPEA, 2000.
- Stangor, C., Lynch, L., Duan, C.; Glass, B. Categorization of individuals on the basis of multiple social features. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 207-218, 1992.
- Suzuki, S. & Akiyama, E. (2005). Reputation and the evolution of cooperation in sizable groups. *Proceedings of the Royal Society*, 272, 1373-1377.

- Takács-Santa, A. The major Transitions in the history of human Transformation of the Biosphere. *Human Ecology Review* Vol. 11 N.1, 2004.
- Tajfel, H. Social categorization, social identity and social comparison. In: H. Tajfel (Ed.). *Differentiation between social groups*. London: Academic Press, 1978.
- Taylor, S.; Fiske, S.; Etcoff, N.; Ruderman, A. Categorical bases of person memory and stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 778-793, 1978.
- Tooby, J.; Cosmides, L. Psychological foundations of culture. In: J. H. Barkow, L. Cosmides; J. Tooby (Eds.). *The adapted mind: evolutionary psychology and the generation of culture*. NY: Oxford University Press, 1992.
- Tooby, J.; Cosmides, L., (Eds.). *Evolutionary psychology: foundational papers*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- Trivers, R. L. The evolution of reciprocal altruism. *Quarterly Review of Biology*. 46, 35-57, 1971.
- Trivers, R. L. Parental investment and sexual selection. In B. G. Campbell (Ed.). *Sexual selection and the descent of man*. Chicago: Aldine, 1972.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos:

Esse é um convite para você participar da pesquisa Análise das primeiras impressões, que é coordenada pela professora Maria Emília Yamamoto e pelo professor Alfredo Pereira Júnior. Sua participação é voluntária, o que significa que você pode desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa procura, a partir de uma nova proposta metodológica, compreender os mecanismos e preferências subjacentes a uma análise das primeiras impressões de um sujeito qualquer. Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) à apresentação de uma série de vídeos e, ao preenchimento de um questionário, tarefa que, a princípio, não apresenta nenhum risco. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, o questionário apresentará caráter anônimo e deverá ser respondido individualmente.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

A presente pesquisa não envolve nenhuma troca financeira. Se você tiver algum gasto que seja devido a sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização. Você ficará com uma cópia deste termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Tiago José Benedito Eugênio, no endereço eletrônico *tiagoeugenio20@gmail.com* ou ainda pelo telefone (84) 91685946.

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar da pesquisa Análise das Primeiras Impressões. Participante da pesquisa

Pesquisador responsável: Tiago José Benedito Eugênio

Natal ____ de ____ de 2008

FILME 1.

Atribua uma nota de 0 a 6 marcando com um X nos quadrinhos abaixo para o sujeito assistido segundo os critérios abaixo:

Atratividade física (0 nada atraente a 6 muito atraente)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Competência (0 nada competente a 6 muito competente)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Sucesso na carreira

(0 nada bem sucedido a 6 bem sucedido)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Agressividade (0 nada agressivo a 6 muito agressivo)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Confiabilidade (0 nada confiável a 6 muito confiável)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Cor de pele (0 muito clara a 6 muito escura)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Que cor de pele você acha que é a do sujeito do vídeo?

Branca	Negro	Amarela	Indígena	Parda
--------	-------	---------	----------	-------

No geral, como você avalia a qualidade desta pessoa?

(0 péssima qualidade a 6 excelente qualidade)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Você conhece o sujeito desse vídeo?

SIM	NÃO
-----	-----

FILME 2.

Atribua uma nota de 0 a 6 marcando com um X nos quadrinhos abaixo para o sujeito assistido segundo os critérios abaixo:

Atratividade física (0 nada atraente a 6 muito atraente)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Competência (0 nada competente a 6 muito competente)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Sucesso na carreira

(0 nada bem sucedido a 6 bem sucedido)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Agressividade (0 nada agressivo a 6 muito agressivo)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Confiabilidade (0 nada confiável a 6 muito confiável)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Cor de pele (0 muito clara a 6 muito escura)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Que cor de pele você acha que é a do sujeito do vídeo?

Branca	Negro	Amarela	Indígena	Parda
--------	-------	---------	----------	-------

No geral, como você avalia a qualidade desta pessoa?

(0 péssima qualidade a 6 excelente qualidade)

0	1	2	3	4	5	6
---	---	---	---	---	---	---

Você conhece o sujeito desse vídeo?

SIM	NÃO
-----	-----

-
- No caderno de resposta havia um questionário (semelhante a esses) para cada sujeito estímulo avaliado.

Você irá preencher algumas informações pessoais

Sexo: Masculino () Feminino () Idade ____					Graduação:				
Atribua uma nota marcando um X para a sua cor de pele (0 muito branca a 6 muito escura)									
0	1	2	3	4	5	6	X	X	X
Marque com um "x" a opção de sua preferência									
Qual a sua cor de pele?		Branca ()		Negra ()		Amarela ()		Indígena ()	
Parda ()									
Qual a sua origem étnica? Você pode marcar mais de uma opção.									
Europeu ()		Indígena ()		Asiático ()		Africano ()		Outro (especificar)	
Marque com um "x" o seu grau de escolaridade									
Analfabeto / Ensino Fundamental I incompleto									
Ensino Fundamental I completo / Ensino Fundamental II incompleto									
Ensino Fundamental II completo / Ensino Médio incompleto									
Ensino Médio completo / Superior incompleto									
Superior completo									
Marque com um "x" o número de eletrodomésticos/funcionário de sua residência									
	0	1	2	3	4 ou +				
Televisão em cores									
Rádio									
Banheiro									
Automóvel									
Empregada mensalista									
Máquina de lavar									
Vídeo cassete e/ou DVD									
Geladeira									
Freezer									
Marque com um "x" o grau de escolaridade do(a) chefe de sua família em sua casa									
Analfabeto / Ensino Fundamental I incompleto									
Ensino Fundamental I completo / Ensino Fundamental II incompleto									
Ensino Fundamental II completo / Ensino Médio incompleto									
Ensino Médio completo / Superior incompleto									
Superior completo									

*Essa sessão terminou! Entregue este formulário à pessoa responsável e pode deixar a sala. Muito obrigado por participar de nossa pesquisa! Uma vez que todos os dados tenham sido coletados, no final de 2008, você poderá obter mais informações sobre este estudo através do e-mail **tiagoeugenio20@gmail.com***